

Leonardo Ferreira da Silva Boiko
Leonardo Luís Fernandes Monteiro

A variação lingüística na poesia gaúcha de Jayme
Caetano Braun

São Paulo
Junho de 2010

Leonardo Ferreira da Silva Boiko
Leonardo Luís Fernandes Monteiro

*A variação lingüística na poesia gaúcha de Jayme
Caetano Braun*

Trabalho de Introdução ao Estudo da Língua
Portuguesa I

Professora: Zilda Aquino

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
ÁREA DE FILOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA
INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA I

São Paulo

Junho de 2010

Sumário

| | | |
|----------|--|------|
| 1 | Introdução | p.3 |
| 1.1 | Abordagem teórica | p.3 |
| 1.2 | Objeto de estudo | p.4 |
| 2 | Análise | p.5 |
| 2.1 | Níveis grafemático, fonológico e morfológico | p.5 |
| 2.2 | Nível sintático | p.5 |
| 2.3 | Escolhas lexicais | p.6 |
| 3 | Conclusão | p.8 |
| | Referências Bibliográficas | p.9 |
| | Anexo A – Amargo (texto integral) | p.11 |

1 *Introdução*

1.1 *Abordagem teórica*

Este trabalho se propõe a analisar as marcas de variação lingüística no poema “Amargo”, de Jayme Caetano Braun. Chama-se *variação lingüística* às diferenças que surgem naturalmente dentro de uma mesma comunidade lingüística, como a da língua portuguesa.

Ilari e Basso (2006) classificam a variação lingüística de acordo com seu contexto determinante em:

- Variação *diatópica* ou geográfica, que corresponde a determinada região no espaço;
- Variação *diacrônica* ou histórica, a determinado período temporal;
- Variação *diastrática* ou social, a determinadas classes econômico-sociais;
- Variação *diamésica* ou de meio, a determinado canal ou mídia (texto impresso, fala, Internet etc.).

A estas quatro classes pode-se acrescentar uma quinta, como sugerido por Camacho (1988):

- Variação *diafásica* ou estilística, que marca a atitude momentânea do falante individual quanto à polidez e adequação social.

Separamos ainda as classes de variação em dois grandes grupos, seguindo Leite (2005):

[...] há variáveis próprias do falante, que são sua *origem geográfica* e sua *classe social*, o que conforma o que se pode entender por *dialeto*. Outros dados, no entanto, são típicos dos diversos contextos de comunicação em que se integra o usuário ao longo do seu dia. Esses são, então, chamados *registros* ou *níveis da fala*.

Ou seja, as variações diatópica, diacrônica e diastrática compõe o *dialeto*, enquanto a diamésica e diafásica perfazem o *registro*.

É importante notar que as variações não são independentes; há “constante interpenetração entre as modalidades” (CAMACHO, 1988, p. 37). Por exemplo, variantes diacrônicas arcaicas com frequência preservam-se em áreas rurais, passando a configurar marcas diatópicas daquela região (ibid.). Assim, para a nossa análise consideramos produtivo empregar a classificação de Leite, e identificar as marcas em “Amargo” como características ou do *dialeto gaúcho* ou do *registro poético*.

Chamamos de *norma padrão* ou *explícita* à variante lingüística prestigiada pela comunidade como ideal, codificada e divulgada pedagogicamente, ainda que nunca realizada. Em contraste, chamamos *norma implícita* àquelas variantes não-codificadas, mas “atualizadas pelos falantes por exigências de injunções sociais” (LEITE, 2005, p. 187; 194–195).

1.2 Objeto de estudo

Os *gaúchos* são um grupo cultural característico da região dos pampas, que abrange o Estado brasileiro do Rio Grande do Sul, parte de Santa Catarina, e parte da Argentina e Uruguai (WIKIPÉDIA, 2010c). No Brasil, a palavra também é empregada para designar nativos do Rio Grande do Sul de forma geral (WEISZFLOG, 2007).

Jaime Guilherme Caetano Braun (1924–1999), conhecido por seu nome artístico Jayme Caetano Braun, foi um radialista e importante pajador (poeta oral) na corrente literária do tradicionalismo gaúcho¹ (WIKIPÉDIA, 2010d). Embora a criação de um pajador tipicamente seja oral, Braun era um escritor culto e, ao que tudo indica, compôs principalmente na modalidade escrita, inclusive no caso do poema “Amargo”, nosso objeto de análise (BRAUN, 1988a apud COHEN, 2004). Sua poesia caracteriza-se pelo forte regionalismo, pelo projeto de resgatar e valorizar os costumes típicos de sua cultura (WIKIPÉDIA, 2010d).

“Amargo”, exemplo típico desse deliberado esforço tradicionalista, é uma ode ou elogio ao *chimarrão*, infusão de erva-mate cujo consumo com aparato próprio (cuia, bomba) até hoje encontra-se bastante difundido nas regiões gaúchas (WIKIPÉDIA, 2010a). O poema é composto em versos heptassilábicos, metro recorrente na poesia popular de língua portuguesa e espanhola (BANDEIRA, 1960).

¹De fato, a influência de Braun foi tamanha que o “Dia do Pajador Gaúcho”, instituído pelo Governo do Rio Grande do Sul com a Lei 11.676 de 2001, é comemorado na data de seu nascimento—30 de janeiro (COHEN, 2002).

2 *Análise*

2.1 Níveis grafemático, fonológico e morfológico

Consistentemente com o projeto regionalista de Braun, “Amargo” adere ao dialeto gaúcho¹. Porém, o poema também busca conformar ao registro literário-poético e à norma padrão escrita.

Ao contrário de muita poesia regionalista, a de Braun opta por não fugir da ortografia da norma padrão, ou seja, não há marcas grafemáticas. Por isso, também não ficam marcadas na escrita as variações fonológicas e morfológicas do dialeto gaúcho. Poderia-se especular que essa escolha talvez se deva, em parte, por certa proximidade entre a realização fonética gaúcha e o ideal do padrão, notoriamente na não-neutralização das vogais postônicas (VIEIRA, 2002) e na preservação da lateral alveolar e vibrante pós-vocálicas (QUEDNAU, 1993; MONARETTO, 2002)—proximidade que leva boa parte dos falantes brasileiros a considerar o dialeto gaúcho “mais certo” ou “mais bonito” (RAMOS, 1997). Deve-se notar, contudo, que essas realizações não são universalmente coincidentes com o ideal da norma padrão (op. cit.), e ainda que o dialeto gaúcho apresenta variações fonéticas que escapam do padrão e portanto não são representadas por Braun, como a harmonização vocálica² (SCHWINDT, 2002) e o abaixamento de vogal pretônica³ (AMARAL, 1996).

2.2 Nível sintático

As marcas sintáticas são sobretudo do registro poético. Há inversão nos versos 12, 32, 36, 57, 60; e também longas enumerações nos versos 26–29, 35–40, que raramente ocorreriam em outros registros.

Há ainda uso do pronome reto de segunda pessoa (verso 41), com concordância padrão do verbo, e emprego consistente de sua forma oblíqua (versos 4, 22, 53)—marcas tanto do dialeto quanto do registro (AMARAL, 2003).

¹Sobre o dialeto gaúcho, ver Wikipédia (2010b).

²E.g. “sobrinho” realizado como [su.bri.no] ou “pepino” como [pi.pi.no].

³E.g. “direito” realizado como [de.rej.to], ou “sujeitei” como [so.zej.tej].

2.3 Escolhas lexicais

O léxico é onde o dialeto gaúcho fica mais marcado no poema. Sendo o gaúcho um dialeto de fronteira, seu vocabulário sofre forte influxo do espanhol (PIRES, 2004; WIKIPÉDIA, 2010b).

As seguintes escolhas configuram marcas dialetais (BRAUN, 1988b; OLIVEIRA, 2002; WEISZFLOG, 2007; GONÇALVES, 2010):

- **Gauchesca** (v. 1): Gaúcha.
- **Topete** (v. 2): No chimarrão, saliência do monte de erva-mate que fica acima do nível da água.
- **Porongo** (v. 3): Cuia para mate.
- **Coxilha** (v. 5): Elevação com pastagens.
- **Guasca** (v. 6): Habitante do campo, cidadão rural.
- **China** (v. 10): Mulher.
- **Bomba** (v. 11): Canudo de metal (originalmente prata) usado para filtrar e server o mate.
- **Cerro** (v. 12): Colina baixa; elevação. Refere-se aqui ao formato do monte de erva-mate na cuia.
- **Repecho** (v. 14): Aclive; barranco. Refere-se ao espaço vazio deixado na erva-mate para inserção da bomba.
- **Cuera** (v. 17): Valentão; homem temido.
- **Pelear** (v. 19): Pelejar, lutar.
- **Rincão** (v. 20): Recanto; local afastado.
- **Tapera** (v. 20): Rancho, casa de campo; construção rural abandonada.
- **Engarupar sobre a anca** (v. 23–24): Montar no lombo de um quadrúpede.
- **Tropilha de um pêlo** (v. 26): Grupo de cavalos de mesma pelagem, acompanhados da égua-madrinha.
- **Entrevero** (v. 28, 38): Desordem, bagunça, confusão.
- **Pampeana** (v. 32): Relativo aos pampas, a vegetação de pasto do Sul.

- **Fandango** (v. 37): Dança popular de origem espanhola.
- **Marcação** (v. 37): Posição ou seqüência de posições em uma dança.
- **Bochincho** (v. 38): Espécie de dança popular; também se diz de baile, festa.
- **Alvorotar** (v. 41): Causar alvoroço.
- **Ronco** (v. 42): Som produzido ao sorver o final da infusão de mate com a bomba.
- **Cordeona** (v. 44): Acordeão, sanfona.
- **Floreando** (v. 44): Produzindo música elaborada, com floreios.
- **Flecos** (v. 46): Franjas, tiras decorativas.
- **Tirador** (v. 46): Avental de couro cru usado por laçadores.
- **Pago** (v. 47): Terra natal.
- **Maneia** (v. 52): Peça de couro usada para atar animais.
- **Corcovear** (v. 53): Ato do cavalo de saltar curvando o lombo, a fim de sacudir o cavaleiro.
- **Gaudério** (v. 57): Nômade; por extensão, gaúcho.
- **Charrua** (v. 57): Vida rural, vida do campo.
- **Para o estrivo** (v. 59): Estrivo ou estribo é a peça na qual o cavaleiro apóia o pé para montar. “Mate para o estribo” é o último tomado, quando o convidado já está “com o pé no estribo”.

3 *Conclusão*

Ao analisar as marcas lingüísticas no poema de Jayme Caetano Braun, notamos que o efeito regionalista é criado sobretudo através de escolhas lexicais. Marcas fonéticas diatópicas não são registradas na linguagem escrita, mantendo assim a norma padrão do português brasileiro. A tensão entre as diversas normas envolvidas—a poética-literária (registro), a regionalista (dialetal) e a padrão—gera dinamismo e originalidade na obra do autor.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, L. I. C. *O abaixamento de /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha*. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 1996.
- AMARAL, L. I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- BANDEIRA, M. A versificação em língua portuguesa. In: *Delta-Larousse*. Rio de Janeiro: Delta, 1960. VI.
- BRAUN, J. C. Amargo. In: _____. *Galpão de estância*. [S.l.]: Sulina, 1988a.
- BRAUN, J. C. *Vocabulário pampeano: Pátrias, fogões e legendas*. 1. ed. Porto Alegre: Edigal, 1988b.
- CAMACHO, R. G. A variação lingüística. In: _____. *Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus*. São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 1988. cap. 3.
- COHEN, R. *Página do Gaúcho - Poesia - Pajador*. 2002. Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br/oes/pajador.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2010.
- COHEN, R. (Ed.). *Página do Gaúcho - Poesia - Amargo*. 2004. Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br/oes/jcb-amar.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2010.
- GONÇALVES, L. C. R. 2010. (Comunicação oral).
- ILARI, R.; BASSO, R. Português do Brasil: a variação que vemos e a variação que esquecemos de ver. In: _____. *O português da gente*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 151–196.
- LEITE, M. Q. Variação lingüística: dialetos, registros e norma lingüística. In: SILVA, L. A. da (Org.). *A língua que falamos: Português, história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005. p. 183–211.
- MONARETTO, V. N. O. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: _____. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2002. cap. 4.
- OLIVEIRA, A. J. de. *Dicionário gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades*. 2. ed. Porto Alegre: AGE, 2002.
- PIRES, F. S. *oes. Gaúcho, o Dialeto Crioulo Rio-Grandense*. 2004. Disponível em: <http://www.orbilat.com/Languages/Portuguese-Brazilian/Dialects/Brazilian_-Dialects-Gaicho.html>. Acesso em: 2 jun. 2010.

QUEDNAU, L. R. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: Análise variacionista e representação não-linear*. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

RAMOS, J. M. Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n. 5, p. 103–125, jan./jun. 1997.

SCHWINDT, L. C. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: _____. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2002. cap. 4.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: Uma análise variacionista. In: _____. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2002. cap. 3.

WEISZFLOG, W. (Ed.). *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. 2007. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 2 jun. 2010.

WIKIPÉDIA. *Chimarrão*. 2010a. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Chimarrão>>. Acesso em: 2 jun. 2010.

WIKIPÉDIA. *Dialeto gaúcho*. 2010b. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dialeto_gaúcho>. Acesso em: 2 jun. 2010.

WIKIPÉDIA. *Gaúcho*. 2010c. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Gaúcho>>. Acesso em: 2 jun. 2010.

WIKIPÉDIA. *Jayme Caetano Braun*. 2010d. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jayme_Caetano_Braun>. Acesso em: 2 jun. 2010.

ANEXO A – Amargo (texto integral)

Velha infusão gauchesca
De topete levantado
O porongo requeimado
Que te serve de vasilha
Tem o feitio da coxilha 5
Por onde o guasca domina,
E esse gosto de resina
Que não é amargo nem doce
É o beijo que desgarrou-se
Dos lábios de alguma china! 10

A velha bomba prateada
Que atrás do cerro desponta
Como uma lança de ponta
Encravada no repecho
Assim jogada ao desleixo 15
Até parece que espera
O retorno de algum cuera
Esparramado do bando
Que decerto anda peleando
Nalgum rincão de tapera! 20

Velho mate-chimarrão
As vezes quando te chupo
Eu sinto que me engarupo
Bem sobre a anca da história,
E repassando a memória 25
Vejo trolilhas de um pêlo

| | |
|------------------------------|----|
| Selvagens em atropelo | |
| Entreverados na orgia | |
| Dos passes de bruxaria | |
| Quando o feiticeiro inculto | 30 |
| Rezava o primeiro culto | |
| Da pampeana liturgia! | |
| Nessa lagoa parada | |
| Cheia de paus e de espuma | |
| Vão cruzando, uma por uma, | 35 |
| Antepassadas visões | |
| Fandangos e marcações | |
| Entreveros e bochinchos | |
| Clarínadas e relinchos | |
| Por descampados e grotas, | 40 |
| E quando tu te alvorotas | |
| No teu ronco anunciador | |
| Escuto ao longe o rumor | |
| De uma cordeona floreando | |
| E o vento norte assobiando | 45 |
| Nos flecos do tirador! | |
| Sangue verde do meu pago | |
| Quando o teu gosto me invade | |
| Eu sinto necessidade | |
| De ver céu e campo aberto | 50 |
| É algum mistério por certo | |
| Que arrebetando maneias | |
| Te faz corcovear nas veias | |
| Como se o sangue encarnado | |
| Verde tivesse voltado | 55 |
| Do curador das peleias! | |
| Gaudéria essência charrua | |
| Do Rio Grande primitivo | |
| Chupo mais um, pra o estrivo | |
| E campo afora me largo, | 60 |

Levando o teu gosto amargo
Gravado em todo o meu ser,
E um dia quando morrer,
Deus me conceda esta graça
De expirar entre a fumaça
Do meu chimarrão querido
Porque então irei ungido
Com água benta da raça!

65